



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES - DLA  
LETRAS – HABILITAÇÃO LÍNGUA PORTUGUESA**

**JÉSSICA BARBOSA LAURENTINO**

**A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO MULHER NA OBRA *MARIAS*, DE JANAÍNA  
AZEVEDO**

**CAMPINA GRANDE - PB  
2019**

JÉSSICA BARBOSA LAURENTINO

**A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO MULHER NA OBRA *MARIAS*, DE JANAÍNA  
AZEVEDO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Letras da Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial à obtenção do título de  
Licenciada em Letras.

**Orientador:** Prof. Dr. Antonio de Pádua Dias da Silva.

**CAMPINA GRANDE - PB  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L383c Laurentino, Jéssica Barbosa.

A construção do sujeito mulher na obra *Marias*, de Janaína Azevedo [manuscrito] / Jessica Barbosa Laurentino. - 2019.

27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.

"Orientação: Prof. Dr. Antonio de Pádua Dias da Silva, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Literatura. 2. Construção do sujeito. 3. Sexualidade. 4. Narrativa. I. Título

21. ed. CDD 808

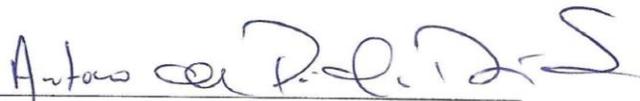
JÉSSICA BARBOSA LAURENTINO

A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO MULHER NA OBRA *MARIAS*, DE JANAÍNA  
AZEVEDO

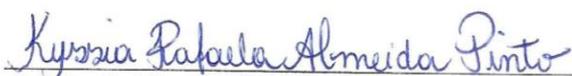
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao curso de Licenciatura em  
Letras da Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial à obtenção do título de  
Licenciada em Letras.

Aprovada em: 10/06/2015.

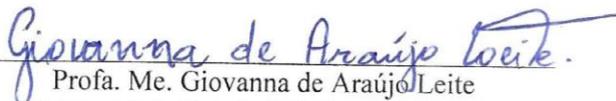
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Antonio de Pádua Dias da Silva (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Kyssia Rafaela Almeida Pinto  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Giovanna de Araújo Leite  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha mãe, minha avó, meu avô (in memoriam), meus irmãos, minhas tias, tios, primas, primos e amigos pela dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2 O OLHAR DA HISTÓRIA SOBRE A MULHER: Breve resgate</b> .....	10
<b>3 A BUSCA PELA CONSTRUÇÃO DE SI: Passagem da consciência de objetos à consciência de sujeitos</b> .....	11
<b>3.1 A redescoberta</b> .....	11
<b>3.2 As ideologias de controle e a busca pela construção de si</b> .....	12
<b>3.3 Da consciência de sujeito à sexualidade</b> .....	13
<b>4 A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO MULHER NOS CONTOS DE <i>MARIAS</i></b> .....	14
<b>4.1 Tia Dona</b> .....	14
<b>4.2 As Mulheres da Quadrilha</b> .....	15
<b>4.3 Rituais</b> .....	17
<b>4.4 Carpintaria</b> .....	18
<b>ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	19
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	20
<b>ANEXO A – TIA DONA</b> .....	21
<b>ANEXO B – AS MULHERES DA QUADRILHA</b> .....	24
<b>ANEXO C – RITUAIS</b> .....	26
<b>ANEXO D – CARPINTARIA</b> .....	27

## A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO MULHER NA OBRA *MARIAS*, DE JANAÍNA AZEVEDO

Jéssica Barbosa Laurentino\*

### RESUMO

O cenário de atuação das mulheres vem mudando ao longo da história da humanidade, sobretudo, devido às lutas dos movimentos feministas que agiram de modo a assegurar-lhes direitos sociais e políticos. Esse contexto transformou de forma significativa o modo como se constitui o sujeito mulher na literatura, em especial, a produzida por elas mesmas. Desta forma, o presente trabalho pretende problematizar como se realiza a construção do sujeito mulher em *Marias* (1999) da paraibana, natural do município de Areia, Janaína Azevedo. Os objetivos norteadores da pesquisa são: identificar as características que constituem as personagens protagonistas dos contos; apresentar o ambiente atribuído às mulheres na obra estudada e, em seguida, indicar como esses aspectos contribuem para a construção do sujeito mulher nas narrativas. O corpus da pesquisa é formado por quatro dos treze contos que constam na referida obra, a saber, “Tia Dona”, “As Mulheres da Quadrilha”, “Rituais” e “Carpintaria”. A construção do sujeito mulher pela mencionada autora ocorre a partir da ambivalência submissão/resistência. Como referencial teórico, a pesquisa é embasada principalmente pelos estudos de Bataille (1987); Candido (2008); Follador (2009); Silva e Henning (2011) e Touraine (2010).

**Palavras-chave:** Sujeito Mulher. Construção. Sexualidade.

### ABSTRACT

#### THE CONSTRUCTION OF THE SUBJECT WOMAN IN THE WORK *MARIAS*, OF JANAÍNA AZEVEDO

The landscape of women's work has changed over the course of human history, especially because of the struggles of the feminist movements that have acted to assure them of social and political rights. This context has significantly transformed the way in which the female subject is constituted in literature, in particular, the one produced by them. In this way, the present study intends to problematize how the construction of the subject woman in *Marias* (1999), of Janaína Azevedo, native of the municipality of Areia, Paraíba. The guiding objectives of the research are: to identify the characteristics that constitute the protagonists characters of the tales; to present the environment attributed to women in the work studied and, then, to indicate how these aspects contribute to the construction of the subject woman in the narratives. The corpus of the research is formed by four of the thirteen tales that appear in that work, namely: “Aunt Dona”, “Women of Quadrilha”, “Rituals” and “Carpentry”. The

---

\* Jéssica Barbosa Laurentino é graduanda em Letras/Língua Portuguesa (UEPB). E-mail: jessicaletras2012@gmail.com

construction of the subject women by the mentioned author takes place from the ambivalence submission/resistance. As a theoretical reference, the research is based mainly by the studies of Bataille (1987), Candido (2008), Follador (2009), Silva and Henning (2011) and Touraine (2010).

**Keywords:** Subject Woman. Construction. Sexuality.

## 1 INTRODUÇÃO

Limitadas às funções sociais que exerciam, as mulheres eram vistas a partir do lugar que ocupavam na sociedade. No Brasil, sob o prisma patriarcal e marcadas por preceitos religiosos, foram reduzidas a seres recatados, frágeis e irracionais, incapazes de apresentar autonomia e subjetividade. Submetidas aos desejos e vontades dos homens, desempenhavam a função de procriadoras, cuidadoras das crianças e responsáveis pela preservação da imagem masculina. Assim, nessas imagens coabitam uma série de comportamentos e convenções sociais exigidos e atribuídos à construção social das mulheres. Nesse sentido, “Os diversos rumos que tem tomado a identidade da mulher através da história e que têm determinado suas formas culturais não são específicas ou casuais, mas respondem aos requerimento de um sistema social que os cria, recria e dá forma na vida cotidiana.” (CHARLES, 1991, apud ABREU, 2013, p. 1).

Dessa forma, podemos perceber que a função social outorgada às mulheres e enraizada na cultura ocidental impõe uma soberania masculina nas relações sociais de poder sobre a mulher, ou seja, espelha a visão de mundo, as práticas, os valores e as condutas masculinas. Logo, a identidade da mulher, durante épocas, se edifica a partir de dependência e submissão ao homem. Atualmente, rejeitando a construção social de uma identidade e personalidade naturalmente femininas, as mulheres procuram se afirmar enquanto sujeitos livres, construtores de sua história, buscando realizar isso através da sexualidade. Esta, não direcionada para o outro, no caso, o homem. Mas, voltada para o reconhecimento de si mesma como criadora e criação do ser sujeito mulher. Construindo a si, longe de qualquer viés naturalista ou determinista que as aprisionem ao mundo como ele foi criado por outrem.

Considerando esses aspectos, o presente trabalho pretende problematizar como se realiza a construção do sujeito mulher na obra *Marias* (1999), de Janaína Azevedo. Para tanto, faremos a análise dos contos “Tia Dona”, “As Mulheres da Quadrilha”, “Rituais” e “Carpintaria” que constituem a obra. *Marias* (1999) foi escrita pela paraibana, natural do município de Areia, Janaína de Castro Azevedo da Silva. Formada em Direito e Letras, teve seus estudos iniciais em um colégio de freiras. Escritora, professora e presidente da Academia de Letras da referida cidade, tornou-se conhecida dos jovens e professores após a mencionada obra ser indicada como leitura obrigatória para o vestibular da Universidade Estadual da Paraíba, no ano de 2012. Janaína Azevedo tem em seu acervo três obras publicadas: *Marias* (1999), *Orquídea de Cicuta* (2002) e *Canção para dois amores* (2005).

Livro de contos, *Marias* (1999) é composto de 13 histórias, subdivididas em duas seções, a primeira, chamada de Primeira Hora - Oração Preparatória é constituída dos contos: “Dá-me tua mão o virgem”, “Tia Dona”, “As mulheres da quadrilha”, “Carie da flor” e “O vinho tinto das romãs”. E a segunda parte, denominada Segunda Hora - Oração reparadora é

composta pelos contos: “A puta de Deus”, “Marias”, “Carpintaria”, “As cartas de Sara”, “Tão somente essa cruz”, “Rituais”, “Rainha da cozinha” e “Comungado banquete”. Em todos os contos Janaína une o sagrado e o profano dando a sua escrita uma tensão que lhe é peculiar.

As condições de circulação e de produção da literatura produzida por mulheres têm ganhado consideráveis proporções perante a sociedade, principalmente, devido aos diversos estudos voltados para questões de gênero. Deste modo, já podemos encontrar significativos trabalhos a respeito da imagem do sujeito mulher na literatura feita por mulheres. Essas imagens são muitas vezes embasadas por convenções sociais previamente estabelecidas pela sociedade machista.

Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar como Janaína Azevedo constrói as representações do sujeito mulher na obra *Marias* (1999). Como objetivos específicos, tencionamos identificar as características que constituem as personagens protagonistas dos contos; apresentar o ambiente atribuído às mulheres no corpus estudado; e, em seguida, indicar como esses aspectos contribuem para a construção do sujeito mulher nas narrativas.

O título, como se pode observar no decorrer da leitura, está fortemente vinculado à ficção, pois, a obra traz em sua maioria personagens protagonistas, regidos pela religião e rituais, estes repetidos cotidianamente, reproduzindo, assim, a série de problemas que envolvem a condição das mulheres ao longo da história da humanidade.

A pertinência deste trabalho reside no fato dele tratar da obra de uma escritora paraibana, já que a escrita de autoria feminina tem pouca visibilidade perante o público em geral; abrir portas para futuros estudos da obra, pois, apesar de ser riquíssima em aspectos que podem ser estudados, como a solidão, a morte, o amor e as metáforas, ainda há poucos estudos sobre a mesma; além de se tratar de uma obra sobre mulheres, escrita por mulher. Uma vez que, por muito tempo, as mulheres foram representadas na literatura a partir do olhar masculino e das convenções de sua época.

A pesquisa é de cunho bibliográfico tendo em vista que está embasada por teorias literárias que abordam um conjunto de questões relacionadas às inquietações que envolvem a construção do sujeito mulher. Tomamos, assim, como fundamento teórico principalmente os estudos voltados aos conflitos nos quais as mulheres estão implicadas e a redescoberta delas como “sujeitos” sociais realizados por Touraine (2010), e as pesquisas realizadas por Bataille (1987); Candido (2008); Follador (2009); Silva e Henning (2011) a respeito dos princípios que envolvem a composição da mulher ao longo da história.

No primeiro momento, trataremos de apresentar os princípios teóricos que embasaram a pesquisa. No segundo momento, identificaremos as características das personagens protagonistas e, o ambiente atribuído a elas através da análise dos contos: “Tia Dona”, “As Mulheres da Quadrilha”, “Rituais” e “Carpintaria” presentes na obra da escritora Janaína Azevedo; à vista disso, indicaremos como essa representação coopera para a construção do sujeito mulher na dita obra. No terceiro e último momento, traremos algumas considerações a respeito dos aspectos abordados na pesquisa.

## 2 O OLHAR DA HISTÓRIA SOBRE A MULHER: Breve resgate

Durante muito tempo a mulher ficou invisível aos olhos da sociedade, e conseqüentemente, da história, pois, “encarceradas” em suas moradias, não podiam participar ativamente dos grandes feitos históricos, tendo em vista que esses se davam num âmbito que cabia apenas a figura masculina habitar. Desse modo, a mulher só veio fazer parte do contexto histórico em meados do século XX, o que, se levarmos em consideração os estudos voltados à história da humanidade, não faz muito tempo. Essa visibilidade só veio acontecer, de acordo com Follador, devido,

A Escola dos Annales com suas várias propostas de métodos e pesquisas promoveu um estímulo ao desenvolvimento de uma história das mulheres, decorrente de um dos interesses da referida escola que era enfatizar a história do cotidiano, da vida privada e dos grupos marginalizados pela história positivista. (FOLLADOR, 2009, p.4).

Nos primórdios da história das sociedades cristãs a mulher era vista como um ser ambíguo, ora vista como sagrada, representado pela figura de Maria, ora como pecadora, devido à descendência de Eva. Em meados do século XVIII a figura feminina é definida como esposa e mãe, e aquelas que não seguissem este modelo de mulher eram reconhecidas, entre outras designações, como tias, beatas e prostitutas.

No Brasil, sob o prisma patriarcal, as mulheres eram retratadas como um ser submisso e recatado, que existia em função do outro e para o outro, no caso, o homem. Não frequentavam escolas, tendo sua vida resumida a cuidar do lar, do marido e dos filhos, e não podiam fazer parte das esferas públicas, a não ser a igreja. Quando jovens, aprendiam com a mãe os afazeres domésticos, como, cozinhar e bordar. Aprender a ler e escrever eram atividades designadas apenas aos homens.

Esse contexto de reclusão e submissão passa a mudar após a chegada da Família Real portuguesa ao Brasil possibilitando maior participação das mulheres nas esferas sociais, ganhando maiores proporções na Era Imperial, quando as mulheres começam a lutar pela igualdade de direitos entre elas e os homens. Conforme Souza,

Com a vinda da Família Real também foram verificadas mudanças em relação aos costumes familiares. A clausura do lar para as mulheres estavam com os dias contados. Elas passaram a frequentar os espaços públicos, como as ruas, os teatros, os bailes e os salões de beleza. (SOUZA, 2007, apud FOLLADOR, 2009, p. 11).

No tocante à imagem da mulher na literatura, o olhar masculino as colocava subjugadas aos preceitos de sua época, embasados no princípio que a mulher deve casar e viver para o esposo e os filhos e, conseqüentemente, esperar à morte. Esse contexto de representação já passou por algumas modificações, a mulher passou a ter maior flexibilidade representativa, consequência da maior visibilidade que obteve no cenário histórico, político, cultural e social, a exemplo, o acesso ao voto e ao mercado de trabalho. As mulheres alcançam a cada dia mais espaço nos vários setores da sociedade. Hoje, estão ocupando papeis que antes eram exercidos

apenas por homens, como cargos de chefia, tornando-se, dessa maneira, capazes de abrir portas para o pensamento crítico e reflexivo de sua posição no mundo. Logo,

É necessário desde já reconhecer que as mulheres, que constantemente foram consideradas como submissas aos desejos, às regras ou às funções impostas por outros, são capazes de agir a fim de responder às suas exigências interiores e pessoais, e não somente para responder às sujeições exteriores. (TOURAINÉ, 2010, p. 31).

Todavia, apesar de ter ganhado visibilidade social e política, ainda recaí sobre elas certas exigências de um comportamento conservador em relação ao meio social, político e familiar ao qual estão inseridas. Por consequência, as escritoras, em especial, as contemporâneas estão empenhadas em desconstruir, a partir de suas personagens protagonistas, preceitos enraizados e perpassados durante décadas em nossa sociedade e, que, ainda são disseminadas nas esferas públicas e privadas. Dessa forma, a literatura escrita por mulheres, busca, entre outras questões: contestar as posições sociais impostas a elas nas sociedades, principalmente nas patriarcais; além de questionar as relações de poder do homem sobre a humanidade, construindo, assim, uma “nova literatura”, onde a mulher é tida como ser crítico, que pensa sobre si e sua situação no mundo. Vale salientar que, “por muito tempo, a literatura feminina foi uma literatura de margem, ou seja, esteve à parte das grandes obras canônicas, salvo algumas exceções.” (ZINANI; POLESSO, p. 102, 2010).

### **3 A BUSCA PELA CONSTRUÇÃO DE SI: Passagem da consciência de objetos à consciência de sujeitos**

#### **3.1 A redescoberta**

Construídas como o lado oculto da humanidade, reduzidas a indivíduos sem voz, inventadas como seres manipuláveis e corrompíveis, sem subjetividade e sentimentos, entre tantos outros atributos que às mulheres foram impostos e perpassados de geração a geração, hoje elas buscam desconstruir essa visão arbitrária que lhes foi imposta por uma sociedade regida por pensamentos e práticas patriarcais, deterministas e naturalistas. O que nos leva a depreender que apesar de todos os avanços alcançados, a exemplo do sufrágio e os recursos de prevenção da gravidez, progressos esses, que, devem-se, sobretudo às lutas das feministas de todas as épocas, ainda recaí sobre elas certas exigências de comportamento e conduta, alicerçados pelos ideais masculinos. Nessas condições, a maneira capaz de desconstruir essa imagem de subalternidade das mulheres é recusar aquilo que constitui uma “natureza feminina”. Mas, antes de tudo, reconhecer e denunciar o caráter social do gênero, onde o homem exerce poder sobre a mulher. Desta forma, presenciamos que,

As normas de relação entre homens e mulheres foram criada com o objetivo de cimentar a hegemonia de um sistema social, aquele que dá monopólio às relações heterossexuais, privilegiadas por sua função de reprodução social através da criação de famílias e no interior das quais instala-se uma dominação masculina fundada no controle masculino das formas de reprodução da espécie e da sociedade. (TOURAINÉ, 2010, p. 16-17).

A ideia de gênero traz consigo um determinismo das ações femininas. As mulheres eram levadas a comportar-se em função de sua colocação na sociedade, sua subjetividade, “ponto integrante do entendimento que possui em relação ao mundo” (SILVA; HENNING, 2011, p.71) era um agrupamento de reflexos que as tornavam incapazes de uma ação independente. E a expressividade dessa ânsia, não somente de liberdade, mais também de construção de ser sujeito mulher que é o fato mais longe de todo “determinismo sociológico”. As atuações contra a desigualdade e as discriminações retratam a parcela mais aparente da ação das mulheres, e os efeitos no comportamento delas são mais intensos e evidentes. Como indica Touraine,

Para além da defesa de seus interesses e de seus projetos profissionais, para além mesmo da proteção de si contra as violências e discriminações estão engajadas numa construção de si que resiste ativamente a todas as formas de fragmentação ou de dissolução da personalidade, as mulheres Na área profissional as mulheres emergiram nas profissões que substituem as atividades do lar, particularmente, estabelecidas às mulheres. (TOURAINÉ, 2010, p. 55-56).

Contrastante, vivemos numa angústia de que a violência contra as mulheres, particularmente as violências conjugais, aumenta cada dia mais, em parte, pelo fato de atualmente os crimes serem mais denunciados do que em épocas passadas. É evidente que a luta contra a violência e as desigualdades fez-se muito ativamente, leis significativas oportunizaram às mulheres o controle de sua vida, principalmente, na reprodução. No entanto, isso se tornou insatisfatório. O período das reformas abriu lugar ao feminismo e, em todo espaço, aguardava-se o avanço da igualdade e da emancipação do corpo das mulheres. Logo, elas se deram por propósito a construção de si mesmas, como sujeitos livres e pensantes. E é através da sexualidade que almejam efetivar essa construção, libertando-se dessa polarização e reunindo o que tinha sido espedaçado, engajando-se na reorganização da experiência vivenciada.

### **3.2 As ideologias de controle e a busca pela construção de si**

É imprescindível constatar que as mulheres que frequentemente foram conceituadas como subservientes às vontades, desejos e regras impostos por outros, são capazes de atuar contra as sujeições exteriores, a fim de redarguir às suas premissas interiores e pessoais. É claro, também, que atualmente elas têm a posição de sujeitos livres e responsáveis, e não se julgam mais objetos repletos de definições impostos pelas ideologias de controle. Precisamos admitir que a obtenção da subjetividade das mulheres seja uma realidade que transcende todas as esferas sociais. Como nos indica Touraine (2010, p. 32), “A identidade que as mulheres afirmam não é somente de rejeição da dominação social, ela é a afirmação de experiência vivida da própria subjetividade e, conseqüentemente, a confirmação da capacidade de pensar, de agir, de esperar ou de sofrer por si mesmas.”

As desigualdades existem e são claras, renunciar a discutir sobre as mulheres significa aprovar a dominação masculina. Identificar o determinismo social das categorias de gênero não deve guiar à renúncia da distinção dos sexos, que é real, e que firma as lutas pela desigualdade. De um lado, elas são atingidas por uma ordem social, vínculos de poder e

normas que lhes ditam como portar-se, e por ideologias que convertem em “natureza” aquilo que é uma maneira de vivência e de ação de um corpo social governado pela figura masculina. Imagem que se tende a abandonar, pois, expressar esse aspecto significa eliminar todo modo de esclarecimento em se encerrando em uma situação de consciência que se converteria em próprio motivo de ser.

Desse modo, no momento em que os sujeitos integrantes de uma sociedade se caracterizam pela sua própria inerência e aptidão de transformar ao contrário de conservar uma ordem determinada, eles não podem mais ser marcados, tão somente pela sua esfera social. Eles são mais que o entendimento dos outros; eles portam consigo a compreensão de direito à autonomia e à constituição de um direito que cabe a todos.

Ele deixa de ser constituído somente na imanência de práticas que o sujeitam; ao mesmo tempo, torna-se sujeito e objeto para si próprio, denotando uma subjetividade ética irreduzível aos mecanismos disciplinares e às regras do bio-poder das modernas sociedades ocidentais. (CANDIOTTO, 2008, p. 89).

Muitas mulheres ainda estão aprisionadas ao mundo assim como ele foi concebido pelos homens, que as sujeitou as conveniências da binariedade homem-mulher e, às quais emitiram atributos. Ao mesmo tempo, outras, metamorfoseiam-se em mulheres constituídas por mulheres e primeiramente por elas mesmas. Elas querem atuar sobre si, perceber e avaliar o que são e o que fizemos delas com base em sua consciência e em o que elas querem ser.

Se a personalidade das mulheres é construída pelas imagens que os homens e as entidades governadas por eles possuem delas, a intenção de uma construção de si, como sujeito mulher não tem nenhuma razão para existir. Uma vez que a dominação que elas enfrentam é acima de tudo renúncia de subjetividade. É a função de reprodutora da espécie que as colocam em desarmonia à seus papéis sociais, no mesmo momento em que o homem se reconhece mais simplesmente com os papéis sociais, devido a sua posição dominante.

Atualmente, encontra-se na mulher uma individualidade que lhe é particular, já que ela altera a “condição feminina”, fundamentando-se na vivência do corpo. Trata-se aqui da desconstrução de qualquer imagem de uma essência feminina ou da mulher definida por sua contraposição ao homem. Ou seja, a construção de si pelas mulheres não se limita a uma cultura ou a um sistema social. A ação de composição da mulher pode ser estabelecida, nesse sentido, como “uma manifestação da oposição a um estatuto social imposto às mulheres pelo poder masculino e que, acima de tudo, as impede de serem atrizes de sua própria existência e, mais ainda, do conjunto social.” (TOURAINÉ, 2010, p. 48).

### **3.3 Da consciência de sujeito à sexualidade**

A mulher sujeito resiste aos termos das atribuições que a ordem social designou às mulheres, eliminando, assim, sua subjetividade. Ela enfrenta uma dominação que procura, constantemente, suprimi-la e que gera uma ligação para consigo mesma. Contudo, maior parte delas vive dentro de meios sociais amplamente interiorizados e que as submetem a conceituar a si mesmas a partir dos deveres e normas que devem ser realizados e respeitados. Logo, é a atuação das mulheres que reclamam o direito de construção de si mesma e de não mais serem determinadas pela dominação do outro, mas, por uma vontade de autoafirmação como sujeito

que faz surgir um recente movimento de vivência coletiva e individual, cuja manifestação nos mais diversos setores da vida poderemos observar. Assim, conforme Touraine:

A relação da mulher com ela mesma vai se desenvolvendo em uma “preocupação consigo” que substitui as declarações dos períodos anteriores, quando a definição de ator social era naturalmente formulada em termos de transformação do mundo, de conflitos propriamente sociais e de evolução histórica. (TOURAINÉ, 2010, p. 54).

Essas mulheres estão envoltas consigo mesmas e comportam-se, dessa maneira, sobretudo, porque buscam afirmação como sujeitos ativos e não como objetos do poderio masculino. Elas resistem a toda e qualquer forma de desintegração e anulação da individualidade. A construção do sujeito mulher acontece, sobretudo, pela sexualidade, é pela experiência do corpo, na qual o desejo sexual é um de seus pontos principais, que o regresso a si derrota as circunstâncias do mundo. Esse desejo sexual transforma-se em relação consigo mesma, antes mesmo de relação com o outro. Embora a construção da sexualidade espelhe as disparidades assimiladas, a construção do sujeito resulta da experimentação do corpo como lugar de relação consigo.

O desejo sexual é uma relação primeira entre o sujeito e as suas pulsões. Assim, como outras vontades, torna-se restrito a si, antes de ser relação com outro. A sexualidade não é, desse modo, decorrente de um determinado dado biológico ou uma construção social, ela é a conversão dos desejos sexuais em criação, que conduz o sujeito mulher a si mesma, em busca de sua liberdade, ao invés de ser definido pelo outro e para o outro. Ou seja, há um *eu* focado sobre a construção de si, esforçando-se contra todo viés determinista e naturalista que venham a lhe impor. É aqui, que na individualidade de cada ser, surge um indivíduo que converte o sexo em sexualidade e a obediência ao poder em desejo de construção de si como sujeito.

## **4 CONSTRUÇÃO DO SUJEITO MULHER NOS CONTOS DE *MARIAS***

### **4.1 Tia Dona**

O conto traz a história da personagem título, cujo nome nos leva ao lugar habitual que se impõe à mulher. O termo *dona* é utilizado como título de respeito que se antepõe a nome de mulheres casadas, viúvas e religiosas. Tia Dona representa a mulher que ocupa apenas o espaço privado, sendo exposta como dona de casa, esposa dedicada, dependente do homem e fiel aos preceitos cristãos. De início nada é dito sobre a personagem, tornando-a apenas um sujeito sem individualidade, atada ao casamento.

Na união entre homem e mulher havia particularidades de papéis para um e outro, ao homem, competia suprir as necessidades do lar e tomar as decisões familiares. À mulher ficava o lugar de sujeição as normas tradicionais de conduta femininas impostas e enraizadas na sociedade, regras essas, alicerçadas no discurso em que a mulher nascera para casar, ter e cuidar dos filhos e, posteriormente, esperar a morte.

Logo, o conto em análise apresenta uma mulher que cai em profundo luto após a morte de seu esposo e que por não ter filhos fica aos cuidados da afilhada. No entanto, esse luto

residia não no fato da protagonista amar o marido, mas por ter tido por ele profunda devoção. Como nos revela o narrador:

Fazia largas ceias, esperando decerto, Deus e o apóstolo terreno da sua antiga carne. A última lembrança de palavra que lhe restara era amor, Amor, não. Devoção. Não foi por tristeza pela morte do marido que entumulou-se entre romãs e rosários, como contava a lenda. Fora talvez, por predestinação. O luto ancestral de ancestrais mulheres. (AZEVEDO, 1999, p.18 - 19).

A protagonista seguia os preceitos e costumes socialmente impostos à mulher desde os tempos de suas ancestrais, que não foi “quebrado” depois de sua morte. Tia Dona deixou para sua afilhada apenas dois livros da bíblia: Eclesiastes e Apocalipse, o terço e os negros vestidos desbotados que possuía, dando-nos a entender que os valores ensinados por suas ancestrais e impostos pelo sistema tradicional, seriam perpetuados, nesse caso, através de sua afilhada.

Tia Dona, apesar de ter sido, durante sua vida, submissa aos preceitos patriarcais de sua época, havia “fracassado” no papel de procriadora e preservadora da espécie, ou seja, o de ser mãe. Não o foi por decisão de outrem, mas, por escolha, “Não gerara. Não quisera se desdobrar. Tinha decidido ser mulher sem começo nem fim.” (AZEVEDO, 1999, p. 18). A autora, apesar de envolver sua personagem no universo patriarcal e tradicional, onde a mulher deveria buscar e preservar o casamento, cuidar dos afazeres domésticos e procriar, apresenta a resistência do sujeito mulher às regras de conduta que foram estabelecidas pelo poder dominante. Inferimos, aqui, um desejo da protagonista de ser dona de si mesma e de suas vontades, devido, sobretudo, a sua secreta plantação de romãs, símbolo da sexualidade da mulher.

## 4.2 As Mulheres da Quadrilha

A autora inicia o conto posicionando o leitor através de uma epígrafe com o poema “Quadrilha”, de Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1930, na obra *Alguma poesia*. A narrativa apresenta uma série de desencontros amorosos, onde uma personagem amava outra, que por sua vez amava outra, assim como acontece na dança da quadrilha, há troca de casais. Entretanto, o conto ressignifica o poema, apresentando particularidades da história das mulheres da quadrilha através das personagens protagonistas: Tereza, Maria e Lili. No conto em estudo, ela as sobreleva por meio de monólogos, de modo a revelar a condição de dependência da mulher em relação à imagem masculina e ao casamento. A primeira a surgir na “quadrilha” é Tereza.

Tenho a poucos centímetros de mim uma vasta possibilidade. Penso que poderia considerá-la, não fosse outro mundo, com rima, mas sem solução. João me ama, mas eu quero o mundo. À proporção que me afasto de João, o mundo se afasta de mim. O mundo quer outra mulher. (AZEVEDO, 1999, p. 22).

Revela-se, assim, que a personagem tinha um mundo de alternativas, assim como a mulher atual, que pode pensar em outras possibilidades e não apenas na dependência à figura

masculina e seus preceitos. Existe, assim, um “vasto mundo” de atividades a serem realizadas pela mulher e não apenas as exercidas no lar. No entanto, a personagem por não ter se adaptado às regras ditadas pela sociedade patriarcal, ou seja, ao casamento, “primeiramente o quadro da sexualidade lícita” (BATAILLE, 1987, p. 72), é punida. Após a morte de Raimundo, seus sonhos são dizimados, restando-lhe apenas uma vida dedicada aos preceitos cristãos, além de ter que viver na solidão.

Através da construção da personagem Maria, a autora cria a representação da mulher desenhada pelos preceitos tradicionais, onde vive em busca de um parceiro para casar e ter filhos. Por estes motivos não podia mostrar ou expressar seus desejos íntimos, em favor de um pudor que lhe era cobrado.

Tenho um mundo de amar, todo meu. E poderia sair por aí cantando, pois o vasto mundo de Raimundo é meu. Mas eu sou comum, pequena e o mundo me assusta um pouco: nasci pras rasas praias, e ele me oferece o oceano mais profundo. Tanta coisa nova me assusta, como seu olho a desnudar meu corpo. Seu mundo é de chamas. E o meu mundo teria de ser apenas um pouco morno de vez em quando. (AZEVEDO, 1999, p. 22).

A personagem protagonista é uma mulher comum, recatada, do lar, que sente receio de viver o novo, de experimentar outras possibilidades, que não almeja grandes proezas e transformações. No poema, por não ter seu sonho de casamento realizado, uma vez que não teve seu amor correspondido, ficou para titia, algo que para o mundo de normas e regras tradicionais representa derrota, frustração.

Depreendemos, assim, que o conto concretiza a manifestação do pensamento tradicional que a mulher só será feliz se tiver ao seu lado a figura de um homem e realizar aquilo que lhe foi predestinado, ser mãe, procriar. Não conseguindo alcançar a sua predestinação ou imposta felicidade, Maria passou a ocupar um lugar inferior, de fracasso, de infelicidade.

Na quadrilha dos desamores Lili é a última personagem a ser construída pela autora, ela é o sujeito que “finaliza” a dança, pois, não amava ninguém. No entanto, apesar de não estar preocupada em casar-se, acabou cumprindo sua sina. A personagem tenta retardar o que lhe é imposto pela sociedade tradicional como essencial à vida de uma mulher, casar e procriar.

Depois que o amor comera Joaquim, eu vim para o Nordeste. Principalmente casei-me no Nordeste. Foi assim: era noite de São João e uma quadrilha nos esperava. Enquanto a quadrilha rodava, girava, ele me esperava, distante, no outro lado. E aconteceu: eu cheguei até ele, a quadrilha terminara. Muito sério ele disse que se chamava Jota Pinto Fernandes, e que ia entrar na minha história. E eu não lhe prometi nenhum amor. (AZEVEDO, 1999, p. 24).

Lili não consegue romper com a determinação que foi imposta à mulher e com os valores tradicionais impostos pela sociedade. Casou-se com Jota Pinto, mesmo sem amá-lo. Depreendemos, assim, que os sujeitos mulheres no conto anseiam escolher seu próprio destino, mas não conseguem, uma vez que estão imersas pelas normas enraizadas pelo poder patriarcal, onde o casamento deve ser ambicionado.

### 4.3 Rituais

O conto possui apenas uma personagem, que não tem nome, simbolizando, assim, uma entre várias mulheres que todos os dias desempenham as mesmas tarefas domésticas. Deste modo, a autora através de sua protagonista expõe como tema os rituais vivenciados na rotina do sujeito mulher. A história é ambientada em uma casa, espaço que por muito tempo, segundo os preceitos e normas tradicionais, foi reservado de modo exclusivo às mulheres.

A personagem é representada como uma mulher recatada, dócil e obediente, que existe apenas para cuidar do lar, do marido e dos filhos. Não tendo, assim, outras atividades que lhes sejam atribuídas, a não ser dedicar-se à casa e à família, além de ter que desempenhar com perfeição os afazeres domésticos.

Após tomar banho, a personagem sentou-se na cadeira, na sala de estar, depois se levantou e percorreu cada espaço da casa, demonstrando que havia realizado o que durante toda a sua vida lhe foi reservado.

Mirou o quarto: cheirando a lavanda, os lençóis bem limpos. Os banheiros exalavam o habitual odor de eucalipto. A varanda, o quintal; varridos e limpos. Alimentado o cão. Nenhuma teia de aranha sob o teto. Lençóis brancos e fardas escolares alçavam voos, no varal. Louça lavada, comida cheirosa – chegou então à sala de espera: decoração impecável. Suspirou: misto de dignidade, orgulho e alívio. (AZEVEDO, 1999, p. 37).

A personagem se preocupa em mostrar como uma boa dona de casa realizou sua missão com êxito. Sente-se orgulhosa e aliviada por ter colocado, impecavelmente, em exercício o que lhe foi ensinado por toda uma tradição. No entanto, a autora nos dá indícios que o ritual vivenciado dia após dia pela personagem não lhe trazia felicidade.

No fim do conto fica evidente a viabilidade de suicídio, criado como uma forma de resistência às regras e normas estabelecidas, uma vez que a corda grossa e encardida pendurada no teto divergia do ambiente que ela havia edificado para sua família: “Destoava apenas aquela grossa corda, um pouco encardida, presa resistentemente ao teto, esperando-a.” (AZEVEDO, 1999, p. 37).

Deste modo, pode-se inferir que a corda e o possível suicídio simbolizam a morte e a resistência da mulher contra as normas tradicionais enraizadas há séculos em um mundo criado pela figura masculina e seu poderio. Logo, o sujeito mulher mostra insatisfação em estar nesse lugar que foi predestinado às mulheres, mesmo antes do nascimento e, que não coube a elas escolherem: a casa.

Na atualidade, ainda é árduo as mulheres reagirem ao modelo patriarcal que por muito tempo foi a base de sustentação do mundo e realizarem atividades que para a sociedade cabem apenas aos homens executarem, uma vez que precisam conciliar trabalho com os afazeres domésticos. Isto porque incorporaram o discurso patriarcal de que “lugar de mulher é em casa cuidando do marido e dos filhos”.

Diante disso, aparece o pensamento feminista que luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, buscando desconstruir a ideia de que é apenas dever da mulher cuidar dos afazeres domésticos, mas ao homem também, empenhando-se, desse modo, na uniformidade de papéis na coletividade.

#### 4.4 Carpintaria

O conto Carpintaria é iniciado por uma epígrafe retirada dos Livros Sagrados, de modo específico, do evangelho de Lucas, capítulo 1, versículos 26 e 27, onde encontramos a história de Maria; a união entre ela e o carpinteiro José; e sua vivência com o anjo Gabriel, anunciador do chamado para torna-se a genitora do filho de Deus Criador. Porém, a Maria do referido conto, apesar de compartilhar do mesmo nome e particularidades da Maria das escrituras, como, a virgindade e o compromisso com um homem também chamado José, é colocada em circunstâncias diferentes, a autora faz, assim, menção a outro modelo de mulher.

Chamava-se Maria e era virgem. Era virgem e apaixonada por José. Numa história sem anjos era difícil apaixonar-se por José e permanecer virgem. Mas as coincidências a convenceram da predestinação mesmo sem “Gabrieis” e “espíritos santos”. Mas José desapaixonou-se de Maria. Daí Maria começou a esperar outro José e visitou quase todas as carpintarias: Josés casados, velhos, novos, brigões, brutos. (AZEVEDO, 1999, p. 34).

A Maria do conto é uma mulher moderna, ousada, sensual e tem uma vida sexual ativa, independentemente do casamento. No começo, somos capazes de inferir à referência aos princípios morais de veracidade do patriarcado, alicerçados na sociedade pela religião, que procurou controlar o comportamento das mulheres, em especial, tendo o casamento como algo a ser desejado por elas, além da preservação da virgindade. Uma mulher que decidisse manter relação sexual antes do casamento era tomada como mulher da vida, por isto, não conseguiria um casamento.

A autora contesta o sagrado no que se relaciona à sexualidade da personagem protagonista, colocando-a como um sujeito mulher, que, difere do que mostram as Sagradas Escrituras da figura de Maria mãe do Salvador, uma vez que a mulher representada no conto experiência o sexo com inúmeros homens. Todavia, à proporção que se afasta dos códigos morais de conduta estabelecidos, por não ter se resguardado, a personagem perde seu marido, passando, desta forma, a percorrer as carpintarias, tentando encontrar qualquer um José, carpinteiro ou não, desde que, assumisse a posição ou função masculina na vida dela.

E pela primeira vez, por pura fraqueza, Maria chorou. Nem um só José carpinteiro, puro, bom que não a quisesse como. Ela então, numa crise de desespero, jejuava, jejuava, jejuava. Pensou em se matar. Matou seus sonhos e conheceu Gabriel. O anjo. E não foi feliz. (AZEVEDO, 1999, p. 34).

No desfecho do conto a personagem protagonista consegue a almejada união com um homem capaz de lhe proporcionar felicidade. Porém, esta expectativa é quebrada. Ela não alcançou o desejado, ou seja, não foi feliz. A imagem da mulher no conto se opõe ao padrão de virtude e castidade instituída pelos padrões morais de comportamento, firmado pelo retrato de Maria bíblica. Por isso, a mulher apresentada na narrativa terminou, devido a sua transgressão, sem usufruir da felicidade.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante muito tempo a mulher ficou invisível perante a sociedade, sem voz e sujeita aos preceitos e normas de sua época, que as enclausurava em uma esfera que cabia apenas à elas habitar: a casa. Este contexto passou a mudar a partir da vinda da Família Real ao Brasil, e principalmente, através dos movimentos feministas que atuaram nas lutas pelos direitos das mulheres, possibilitando, à figura da mulher maior participação social e política, tornando-se, desse modo, um ser crítico, capaz de modificar a realidade a qual está inserida.

Esse panorama contribuiu à evolução ocorrida na imagem que a literatura apresenta da mulher. Sobretudo, na literatura feita por mulheres sobre elas mesmas. Pois, inicialmente, expostas sob o olhar masculino, uma vez que não estavam ligadas ao universo da escrita literária, “mesmo que tenham lutado com heroísmo ou escrito brilhantemente, foram eliminadas ou apresentadas como casos excepcionais, mostrando que, em assuntos de homem, não há espaço para mulheres ‘normais’.” (LEMAINE, 1994, p. 98 apud ZINANI; POLESSO, p. 102, 2010). Eram, assim, configuradas como um ser sem voz, subjugadas às regras e normas tradicionais de sua época que as enclausuravam em suas moradias.

Na atualidade, a figura feminina passa a ter maior flexibilidade representativa, principalmente, no que diz respeito à literatura de autoria feminina, que vem ganhando maior visibilidade perante o público em geral, por meio dos estudos voltados para questões de gênero, que buscam, dentre outras coisas, discutir as relações sociais e políticas entre homens e mulheres. Além de trazer questões que antes eram “caladas”, como: desejos, sonhos, medos, tristezas, ambições, sentimentos, vontades, paixões e anseios. Hoje, as mulheres atuam como construtoras de si mesmas, como sujeitos ativos e repletos de subjetividades.

É dentro desse contexto que desabrocha Janaína Azevedo, com sua escrita singular, repleta de significados. A autora traz em sua literatura mulheres, que, presas a uma rotina e atreladas a preceitos e regras tradicionais, alicerçados pela religião, vivem constantes conflitos psicológicos e existenciais.

Porém, ela não busca reafirmar, o que há tempos vem sendo apresentado sobre as mulheres: símbolos de inferioridade e imprescindíveis às vontades e anseios da figura masculina, assim como, produtos de um naturalismo e determinismo, que tem a religião como principal aliada. A autora empenha-se em abrir as portas dos lares, a fim de mostrar, a realidade, assim como foi concebida pelo poder varonil. Mas, antes e acima de tudo, emprega todos os esforços para revelar, que a mulher é um sujeito que possui a capacidade de construir-se a si mesmas, através da vivência da sexualidade.

Não é mais por uma função social ou por modelos culturais que as mulheres se definem, mas por uma inversão de atitudes e de expectativas cuja exigência principal é a criação delas mesmas como mulheres-sujeitos, para além das diferenças da condição social e da aptidão de manejar a linguagem. (TOURAINÉ, 2010, p. 74).

Na obra em estudo, especificamente, nos contos analisados, Janaína Azevedo uniu a submissão aos preceitos tradicionais à resistência a estes valores de modo a construir sua crítica sobre o retrato que a sociedade masculina moldou da mulher, levando-nos a refletir sobre as ideologias enraizadas nas sociedades. Em particular, na nordestina, uma vez que

nesta, os preceitos patriarcais e religiosos são mais visíveis e perpassados entre gerações. Logo, o sujeito mulher das narrativas apresentadas vivem as normas de conduta e ética destinadas às mulheres, entretanto, apresentam resistência (Tia Dona: decide não gerar; Teresa, Maria e Lili: buscam “fugir” do casamento; a personagem do conto Rituais: busca o suicídio como forma de sair do lugar comum à mulher; Maria: experimenta o sexo com vários homens). Há, assim, no sujeito mulher da autora uma vontade de construção de si mesmas, longe do mundo concebido pela figura masculina.

Constata-se, desse modo, que Janaína Azevedo, assim como, Clarice Lispector, Adélia Prado e Hilda Hilst, suas contemporâneas, busca, através de seus escritos, trazer à tona questões que envolvem o contexto social e histórico feminino. Mas, principalmente, empenha-se em revelar o que há tempos estava escondido: a mulher é um sujeito de desejos e não mede esforços para construir-se a si mesma longe de qualquer viés exterior a elas.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Janaína. **Marias**. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 1999.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

CANDIDO, Cesar. Subjetividade e verdade no último Foucault. **Trans/ Form/ Ação**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 87-103. 2008.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: Uma herança Ocidental. **Fato e Versões**. n. 2, v.1, p. 3-16. 2009.

SILVA, Rafael Bianchi; HENNING, Leoni Maria Padilha. A construção da subjetividade: Notas sobre o sujeito. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, Maringá, v. 33, n. 1, p. 67-74, 2011.

TOURAINÉ, Alain. **O mundo das mulheres**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

ZINANI, C. J. A.; POLESSO, N. B. Da margem: a mulher escritora e a história da literatura. **MÉTIS: história e cultura**, v. 9, n. 18, p. 99-112, jul./dez. 2010.

## ANEXO A – TIA DONA

### Tia Dona

“Pois, quem pode saber o que é bom para o homem na vida, durante os dias de sua vá existência, que ele atravessa como uma sombra?”

(Eclesiastes 6, 12.)

“Melhor é ir para a casa onde há luto que para a casa onde há banquete. Porque ai se vê aparecer o fim de todo homem e os vivos nele refletem.”

(Eclesiastes 7, 2.)

*Para Hildeberto Barbosa Filho*

Diziam que ela era espírita, Mas conservava seus santos e rezava lá os seus mistérios. E, nem Deus, que é grande, sabia das romãs, o sexo da eternidade. Cultivava-se. Tia Dona fora desde “desde”, a tia dona. Houve o tempo de casar-se: casou. Cultivou os leirões do seu amor pelo marido e senhor durante quase trinta anos até que a morte – estranha e reconhecível feiticeira – o levara dela numa tarde aveludada de dezembro.

Foi aí que aprendeu “outro tempo”: enlutou-se definitivamente. O negro lhe vestiria com sua cor de eternidade. Com essa peculiar cor de sempre.

E foi assim, vestida de negro da cabeça aos pés que Tia Dona atravessou os portões velhos da casa antiga, atravessou também a praça e as outras ruas, andando sempre silenciosa e a passos rápidos, como terço, a Bíblia e o véu. Tia Dona entrou na Igreja, sentou-se no último banco, ajoelhou-se, fez o pelo-sinal e ouviu submissa e voluntária a missa de 7º dia do homem para quem – pudor e despudor – se dera: laço, rede, mãos, cadeiras. Unicamente, desde sempre. E foi ainda mais quieta – vertiginosa – que traçou o mesmo acostumado caminho de volta. Em frente à casa, ainda houve tempo de abençoar a afilhada – fiel serva do casal. Fechou depois o portão, entrou na casa – lápide, de onde só sairia décadas depois para entrar no “tempo além do tempo” e lá plantar as romãs da sua eternidade.

Não gerara. Não quisera se desdobrar. Tinha decidido ser mulher sem começo nem fim.

Fazia largas ceias, esperando decerto, Deus e o apóstolo terreno da sua antiga carne. A última lembrança de palavra que lhe restara era amor. Amor, não. Devoção. Não foi por tristeza pela morte do marido que entumescou-se entre romãs e rosários, como contava a lenda. Fora, talvez, por predestinação. O luto ancestral de ancestrais mulheres. Talvez, por isso, diziam-na espírita.

Mas as romãs, Tia Dona escondia-as até de Deus. Suas adoradas romãs eram para o licor rosado que acompanhava os seus devaneios comensais. Ah, e que ninguém entrasse em casa de calçados pés: sua terra sagrada. Mesmo o padre que aparecia, oferecendo-se às confissões. Que nunca ouvia. Mas levava o dízimo. Confessar-se: somente aos pés de Deus.

Sentia-se permanecida, nunca adormecida, nunca ameaçada. E, às vezes, ria e chupava muitas laranjas. Tia Dona sabia que aos poucos ia se findando o tempo do luto. Chegava sim, o tempo de outro sofrimento – ameno, mas perene, sem que se possa agarrar-se às coisas, existido preso à matéria do que não se sabe, sem qualquer concretude, mas de dor infinita. Chegava o perigoso tempo leve da melancolia. Tempo de procurar (ainda mais) apoio nos episódios de Deus. Tempo de lavar os pés e sentar no quintal.

Toda manhã, sua afilhada fiel lhe vinha para abrir as janelas da casa (e não é preciso dizer dos olhares esperançoso de algum transeunte, de vislumbrar através dessas janelas, vagando pelos corredores infinitos da casa antiga, um vulto, o vulto desejado daquela mulher feia, mas secreta que, diziam, falava na hora alta da noite com os espíritos adormecidos). De que plasma invisível e impossível, alimentava-se a alma faminta dessa mulher de olhos grandes e negros? Ela tinha sempre na mão um livrinho aberto. Até o dia em que comeu “todo o livrinho” sob os olhos aflitos da afilhada. Tia Dona era uma mulher apocalíptica. Quando a afilhada dizia-lhe dos comentários que permeavam a rua, a dizerem-na espírita, em tempos do incontestável, ela sorria e lhe dizia de volta: - O gozo de Deus é meu. (a afilhada nunca entendeu isso e, cuidava de repetir essa frase às pessoas, nas enfeitando-a com outras palavras que seu imaginário deixava desfilar. Até porque isso lhe dava certa glória na pequena cidade).

Mas, em espécie de letargia divina se humanizou essa mulher? Pela manhã, aguava as romãs, varria o quintal, limpava o quarto, tratava dos peixes nas sextas-feiras (dia em que sua alma não aceitava o peso das carnes), ouvia o rádio, lavava as poucas roupas, fazia a lista da feira. Mas não chegara nunca mais à sala, nem para ver os gerânios na varanda, nem para ver os fantasmas vivos que se sentavam na praça em frente, usufruindo do seu inútil e gratuito gesto. Pura esperança daquilo que não se sabe.

Ela inaugurara outro tempo. Inaugurara-se em outro tempo. Tia Dona se fizera moira de si mesma. Não era mais no tempo comum dos homens que se ocupava de viver: mas num

mundo onde só cabe o que não mais cabe. E o tempo do muito, das coisas largas, da larga ceia das almas. Um tempo espesso em que se bebe o café forte e amargo. Agora, somente é doce o café bem amargo. A morte, sem assustar-se no vestido negro que usa, nas flores que cultiva, nas alfazemas com que se perfuma. A lágrima doce da constatação da finitude das coisas, o marido infiel que amou e que não surge mais na soleira e lhe entrega o chapéu e lhe pede comida. Mais ainda não era isso. Porque no tempo que lhe adentrava agora narinas boca lóbulos não cabe mais nem o passado nem o presente nem o futuro. O tempo, agora, era também o sapo que se alimentava do seu jardim, a mornidão das tardes, o cerzir das malhas, o esquecimento. Espécie de tempo úmido que seguia amadurecido nas romãs de Tia Dona.

Ainda assim, vez em quando, relia as cartas antigas, via os antigos retratos. E, num dia, como quem presentindo já a esperada morte, buscou a caixa cheia das provas da vida e queimou tudo, no quintal das romãs. Era a morte completa que ela estava plantando. A morte sem deixar nenhum tempo de antes da morte para esse tempo de aqui. Ir nua para o momento mais certo. Durante mais de vinte anos, cultivou esse tempo inteiro, denso, sem sim nem não, sem tristeza ou alegria, sem pólos, sem começo, meio ou fim. O tempo para além das fotos amareladas e difusas na parede. O tempo como uma lembrança, apenas. Assim, nas muitas tardes, Tia Dona cuidava de fechar os olhos e desfrutar a abundância desse tempo que criara para si.

Tia Dona até riu muito, no último Natal, quando vieram os sobrinhos e sobrinhas com os filhos e as filhas, visitá-la. Cearam com ela, falaram muito. E beberam até o último cálice de licor de romã. Uma, insistiu no antigo vaso de cristal, que fora da avó, mãe de Tia Dona. Outra, no antigo conjunto de chá: “Para quê a senhora quer isso?”. Levaram. E levaram tudo, nesse jogo vão das vaidades. Tia Dona apenas sorria. Quase compreendia. Se fosse a ela compreender. Depois, foram todos embora, prometendo voltar no próximo Natal. Voltassem pois, para verem os próximos girassóis. Aliás, algo em que Tia Dona pensaria sempre, mais tarde e que não fruiu mesmo, fora a alegria daquela gente. Ah, a vaidade da alegria. E porque estranhavam que ela não quisesse sair e falavam do sol, Tia Dona nunca saberia. Ela que, entre as romãs do quintal, tomava seu diário banho de sol, absorvendo a mornidão dos seus primeiros raios da manhã. E falavam tantas coisas, tantas insensatas sabedorias. Por isso, Tia Dona, à noite, desfolhou um rosário inteiro por eles. E, a julgar pelo barulho das rezas, de porta fechada – quem sabe não falou ela com seus espíritos em êxtase e carne puríssima...

Mas não houvera o próximo Natal. Tia Dona se despediu da vida aos sessenta e seis anos, vinte e quatro dos quais dedicados ao seu corado licor de romãs (talvez na morte, todas as romãs sejam mais vermelhas e mais gordas. Dona tia, com essa promessa das romãs da

morte, certamente traçaria bem estes caminhos além de aqui...). Para o funeral, vieram todos. E levaram tudo: os antigos móveis, a caixa de jóias, os lençóis de linho, os talheres de prata, as licoeiras de cristal. Tia Dona ainda pedia à afilhada que não houvesse visitação. Coisa que só foi aceito em virtude dos desmaios e espasmos da acostumada afilhada para fazer valer a vontade da defunta. Salvo o padre que viera encomendar a alma dela a Deus e os parentes, ninguém mais veria Tia Dona, nem na última e primeira hora. A afilhada ainda informou que Tia Dona queimara, anos antes, as fotos, as cartas, quase todos os papéis, exceto alguns documentos. No entanto, quando foram fazer a divisão dos santos de bronze, no oratório, encontraram a última surpresa de Tia Dona: junto com os documentos que restaram, um livro fininho.

Tia Dona, ao que parece, salvara da Bíblia dois livros: o ECLESIASTES e o APOCALIPSE, ambos com grifos legíveis, mas nebulosos. Para ela, talvez, não servisse a vaidade de uma Bíblia inteira.

Essa amputada Bíblia foi o que restou à afilhada. Mais o terço e os negros vestidos desbotados.

## ANEXO B – AS MULHERES DA QUADRILHA

### As Mulheres da Quadrilha

#### Quadrilha

(Carlos Drummond de Andrade)

João amava Teresa que amava Raimundo  
 Que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili  
 Que não amava ninguém.  
 João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,  
 Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia.  
 Joaquim suicidou-se e Lili casou-se com João Pinto Fernandes  
 que não tinha entrado na história.

Para os três mal-amados de João Cabral de Melo Neto

#### **Teresa:**

Tenho a poucos centímetros de mim uma vasta possibilidade. Penso que poderia considerá-la, não fosse um outro mundo, vasto também, com rima, mas sem solução. João me

ama, mas eu quero o mundo. À proporção que me afasto de João, o mundo se afasta de mim. O mundo quer outra mulher.

**Maria:**

Tenho um mundo de amor, todo meu. E poderia sair por aí cantando, pois o mundo vasto mundo de Raimundo é meu. Mas eu sou comum, pequena e o mundo me assusta um pouco: nasci pras rasas praias, e ele me oferece o oceano mais profundo. Tanta coisa nova que me assusta, como seu olho a desnudar meu corpo. Seu mundo é de chamuscas. E o meu mundo teria de ser apenas um pouco morno de vez em quando. E no morno desejo, eu o vi: Joaquim. E o via todas as tardes, com seus livros de poesia debaixo do braço, com aquele olhar vago que os poetas têm, e os santos. Por que penso em poetas e santos?

**Lili:**

Nunca pude compreender porque aquele homem ficava horas em silêncio, lá na praça, me olhando, e nunca se chegou a mim. Ou ficava como se me esperando, já às seis e meia da manhã, quando eu, saltitante seguia para o colégio. Com dezoito anos eu apenas queria aproveitar a minha irresponsável juventude. Levava a vida cantando, apenas. Aquele homem ficou sendo a pedra no meio do meu caminho. Cantando mesmo, para não sair do tom, chutava-a. Alguns colegas me disseram que era poeta e me sonhou musa. Como parar para ouvir isso com delicadeza, se o violão já insistia noutra samba? Eu amava era isso mesmo: a música, o som, as praças, o cinema e seus mitos, o sorvete, o chope gelado. E nunca quis mesmo compreender porque se preocupar em amar os homens tão logo, se esse é sempre o nosso fim. Cada novo dia eu percebia menos alegre mais triste só poeta. E eu, eu era um dar de ombros. Com inocente deboche, cheguei até ele, um qualquer dia. Caiu o pano: esse homem, sem falar, me contou da sua caverna de amor. Insistiu em me dizer que se chamava Joaquim.

Não, Joaquim não existia mais: "o amor o comera".

**Teresa:**

O mundo capotou e morreu. Eu fiquei pra matar meus sonhos. Hoje sei que Raimundo era apenas rima, mas eu achei a solução. Agora, são lápides, os anseios que tive. Vim para

este convento e fiz dele a sepultura de mim mesma. Cuido de regá-la e enfeitá-la com as flores frescas que eu mesmo planto nesse estrangeiro jardim, A noite, somente elas e Deus, assistiam aos meus mudos e solitários gozos.

**Maria:**

Joaquim era a minha esperança de felicidade, de fertilidade. Só nele eu me multiplicaria. Mas ele de poeta passou a santo. E estou eu, aqui, depois de muitos anos, devota a ele. Vejo Teresa, uma feliz freira, organizando o coro infantil: aceno-lhe. Volto a Joaquim era a mão que abriria a minha única porta. Como o amor matou-o antes, quero estar fechada, que ninguém me abra a porta. O amor suicidou-se e me matou o meu desejo.

**Lili:**

Depois que o amor comera Joaquim, eu vim para o Nordeste. Principalmente casei-me no Nordeste. Foi assim: era noite de São João e uma quadrilha nos separava. Enquanto a quadrilha rodava, girava, ele me esperava, distante, no outro lado. E aconteceu: eu cheguei até ele, a quadrilha terminara. Muito sério ele disse que se chamava Jota Pinto Fernandes, e que ia entrar na minha história. E eu não lhe prometi nenhum amor.

## ANEXO C – RITUAIS

### Rituais

Matou-se, mas num dia de serenidade tão grande que qualquer violência parecia impossível.

(Lúcio Cardoso, *Crônica da casa assassinada*)

Banhou-se com óleos de amêndoas. Sentou-se depois na cadeira, na sala de jantar e pôs-se a olhar a mesa posta dos dias fáceis. Levantou-se e mirou o quarto: cheirando a lavanda, os lençóis bem limpos. Os banheiros exalavam o habitual odor de eucalipto. A varanda, o quintal; varridos e limpos. Alimentado o cão. Nenhuma teia de aranha sob o teto. Lençóis brancos e fardas escolares alçavam voos, no varal. Louça lavada, comida cheirosa –

chegou então à sala de espera: decoração impecável. Suspirou: misto de dignidade, orgulho e alívio. Olhou mais uma vez. Tudo tão perfeito!

Destoava apenas aquela grossa corda, um pouco encardida, presa resistentemente ao teto, esperando-a.

## **ANEXO D – CARPINTARIA**

### **Carpintaria**

No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré. Foi a uma virgem, prometida em casamento a um homem chamado José, da casa de Davi. E o nome da virgem era Maria.

(Lucas 1, 26-27)

Chamava-se Maria e era virgem. Era virgem e apaixonada por José. Numa história sem anjos era difícil apaixonar-se por José e permanecer virgem. Mas as coincidências a convenceram da predestinação mesmo sem “Gabriéis” e “espíritos santos”. Mas José desapaixou-se de Maria. Daí Maria começou a esperar outro José e visitou quase todas as carpintarias: Josés casados, velhos, novos, brigões, brutos. Até o seu antigo José engordara, ficara um pouco bicho. E pela primeira vez, por pura fraqueza, Maria chorou. Nem um só José carpinteiro, puro, bom que não a quisesse como. Ela então, numa crise de desespero, jejuava, jejuava, jejuava. Pensou em se matar. Matou seus sonhos e conheceu Gabriel. O anjo. E não foi feliz.